

“O LEVE PEDRO” E A DUALIDADE DO AMOR CONJUGAL

MARIA APARECIDA DA COSTA*

MARIA BEVENUTA SALES DE ANDRADE**

RESUMO

Desde os primeiros registros literários, a questão do amor Eros instiga e inquieta o homem, sendo uma recorrência na contemporaneidade. De tal maneira, esse assunto continua posto para debate, embora pareça não ser mais o foco; o amor mantém seu lugar na *poiese* literária. Assim sendo, vamos verificar, neste estudo, a involuntariedade existente no amor das personagens Hebe e Pedro do conto “O leve Pedro”, escrito pelo argentino Enrique Anderson Imbert, utilizando a concepção de amor proposta por Platão, André Capelão e Stendhal.

PALAVRAS-CHAVE: Amor Eros, conto, Enrique Anderson Imbert.

INTRODUÇÃO

Um dos temas mais recorrentes na literatura é, seguramente, o amor Eros. Embora tantas vezes repetido, reelaborado ou reinventado, conserva-se imerso em mistério e fascínio, justificando seu “eterno retorno”. Por essa permanência, bem como sua relevância, o amor foi e é debatido em diversos matizes, despertando interesses e entendimentos os mais variados. Um exemplo dessa multiplicidade se explicita quando comparamos as concepções apresentadas, sobre as manifestações de Eros e quais são seus possíveis efeitos, por Platão (séc. V a. C.), André Capelão (séc. XII) e Stendhal (séc. XIX). Ademais dos nomes citados,

* Doutora em Literatura Comparada; professora de Literatura Luso-brasileira e membro permanente do Programa de Pós-Graduação na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (PPGL/UERN), Mossoró, Rio Grande do Norte, Brasil. E-mail: cidaminas@hotmail.com

** Doutoranda em Letras pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (PPGL/UERN), Mossoró, Rio Grande do Norte, Brasil. Bolsista FAPERN. E-mail: bv_salles@yahoo.com.br

levaremos ainda em consideração estudos contemporâneos como o de Costa (2015).

Embora haja grande distância temporal entre esses pensadores, chama-nos a atenção o fato de esse sentimento tomar conotações que pareçam distintas, conservar sua condição de mando sobre o sujeito, guiando suas vontades e não respeitando limites, ou seja, o amor sempre sobressai à vontade e à razão, é uma força independente. De acordo com Platão, o amor é o bem, “o desejo de geração e procriação no belo” e, como tal, é o próprio sentido da vida, fazendo com que “o ser mortal participa[e] da imortalidade” (PLATÃO, 2003, p. 96-97). O amor, nestes termos, é a via de elevação que diferencia o indivíduo, tornando-o superior, embora submisso aos seus desígnios. Platão ainda fala sobre um tipo de amor que, de tão sublime, aqueles que o cultivam tendem a perder sua individualidade, passando a ser denominados por “variáveis amorosas”: “amor, amar, amante” (PLATÃO, 2003, p. 94); isto é, o poder do sentimento é tanto que ele termina por dominar o espaço de quem o sente, deixando de ser objeto para figurar como o próprio sujeito, em uma inversão de papéis. Essa ideia platônica remete-nos ao amor irrealizado e, por conseguinte, perfeito, uma força encastelada na instância do sublime. Sendo assim, podemos considerar que, de tão poderoso, o amor só se mantém imaculado quando não alcança a realização carnal, e isso significa que, verdadeiramente, ele só está completo quando é o alvo da devoção e se desvirtua quando este alvo é deslocado para um sujeito.

Seguindo a linha platônica do amor além do bem e do mal, André Capelão, um religioso do século XII, traz um pensamento controverso em suas reflexões sobre o mesmo assunto. Associa, pois, o amor à sujeição e diz que ele “vem do verbo amar, que significa ‘prender’ ou ser ‘preso’” (CAPELÃO, 2000, p. 11). Todavia, por mais incongruente que possa parecer, esse sofrimento é considerado positivo, pois, uma vez seguindo o pensamento platônico, a “servidão amorosa” serve para dar nobreza ao homem. Desse modo, fica evidenciada a dependência existente entre o ser e o amor e, novamente, o sentimento é enaltecido em detrimento de quem o sente. Capelão ainda alerta sobre os riscos de entrega a um amor carnal, pois, de acordo com ele, dedicar-se à arte de amar é malbaratar energias, já que o amor deve ser reservado ao Divino. O autor reitera tal pensamento dizendo: “Portanto, é de

espantar a estupidez dos homens que, optando pelo miserável amor terreno, perdem o legado eterno [...]” (CAPELÃO, 2000, p. 269). De tal modo que quem se dedica ao amor carnal abdicando da instância divina, reduz sua potencialidade enquanto sujeito.

No século XVIII, Stendhal, outro filósofo que se dedicou a compreender Eros, trouxe em sua reflexão as categorias do amor; desse modo, classificou o referido sentimento em quatro modalidades: amor-paixão, amor-gosto, amor físico e amor de vaidade (STENDHAL, 2011, p. 11). O primeiro é visto como o mais arrebatador, capaz de se sobrepor a qualquer outro objetivo. Com relação ao “amor-gosto”, o autor diz que se trata de uma espécie de conveniência com o propósito de se adequar às necessidades do sujeito e, por conseguinte, ele jamais trará desprazer ou algo que nos desgoste, já que fora desenhado conforme o desejo e o gosto de quem o fantasia. A terceira tipologia de amor proposta por Stendhal é a denominada “amor físico” e está diretamente relacionada aos prazeres carnavais, seria a vertente mais libidinosa. Por último, o autor traz o “amor de vaidade” que, como o próprio nome sugere, significa estar com alguém que corresponda ao ideal de beleza vigente em determinada época e sociedade; uma espécie de desejo em adquirir o objeto que está na moda no momento. Além dessa classificação, outro aspecto ressaltado por Stendhal e que merece atenção é o fato de o amor poder ser compreendido como uma doença, pois tem fases e, assim como outras enfermidades, “nasce e morre sem que a vontade venha a representar o menor papel” (STENDHAL, 2011, p. 19). Para Costa (2015), o amor só se dá na ausência e na morte, isto é, a consumação erótica inviabiliza a permanência do amor, sentimento que requer inovações constantes.

Observamos a partir desses estudiosos que há um ponto em que todos os discursos apresentados se encontram, convergindo para a involuntariedade do amor. Tal intersecção se justifica pela ideia de superioridade absoluta, defendida por Platão; pela noção de amor como servidão, exposta na fala de Capelão; por essa visão de amor enquanto impulso ilógico, apresentada em Stendhal; e pela impermanência diante da sua consolidação erótica, embora seja inevitável, conforme Costa. Sendo assim, Eros é dotado de autonomia, pois, na verdade, ele parece fazer parte da constituição do sujeito que, por sua vez, torna-se refém de seus domínios.

No *Tratado do amor cortês* (2000), de Capelão, ele discorre sobre “Como manter o amor”, interessando, em especial, as acepções sobre o amor conjugal. Com base nesse pensamento, vamos verificar a dualidade existente no amor entre as personagens do conto “O leve Pedro”, de Enrique Anderson Imbert, publicado na coletânea homônima de 1976. Para tanto, utilizaremos a concepção de involuntariedade, típica de Eros, e a noção de parceiro enquanto âncora – aquele que traz segurança e, ao mesmo tempo, significa castração –, defendida por J. D. Nasio, em *O livro da dor e do amor* (1997). Consideramos pertinente acrescentar que, nessa obra, Nasio trata da dor causada pela perda de um ser amado e, independente do tipo de perda, se por morte ou por abandono, ele acentua os deslocamentos advindos dessa ausência. O autor observa ainda o fato de a esse objeto amado ser delegada a função de manter a harmonia, o equilíbrio do outro e, uma vez afastado, a sua falta traz a dor da mutilação. É esse amor enquanto pedra angular, que ao mesmo tempo dá segurança e fragiliza, o foco do nosso interesse para a leitura a que nos propomos.

Em “O leve Pedro”, o narrador conta a história de Pedro que, acometido de um mal não identificado pela medicina, se recupera sozinho, sem remédio ou tratamento. Entretanto, ao longo do período de restabelecimento, ele percebe que algo se encontra fora do normal, pois sente que seu corpo está perdendo a gravidade, ou seja, a força de atração que mantém os corpos presos à superfície terrestre já não exerce influência sobre ele. Observamos aqui um ponto de convergência entre a enfermidade de Pedro e o processo gerido no encontro com o sentimento amoroso, pois são igualmente involuntários e insondáveis, de modo que fogem à racionalidade: “– Escuta – disse a sua mulher – me sinto bem mas não sei!, o corpo me parece... ausente. Estou como se minhas carnes fossem desprender-se deixando minha alma nua”¹ (IMBERT, 1976, p. 11). Percebendo tamanha desconexão com o espaço cotidiano, ele recorre à esposa, Hebe, para ajudá-lo a manter-se firme, em terra; ela, ao ouvir seu relato, reage racionalmente e diz que esta sensação tem a ver com seu estado de languidez devido ao período de prostração. Embora a inércia da personagem seja física, isso também pode ser lido como metáfora para a condição amorosa do casal; Pedro dispensa a medicina e recorre à cumplicidade da esposa, depositando nela a responsabilidade de mantê-lo seguro naquele espaço matrimonial.

Sendo assim, é possível dizer que não existe mais, entre o casal, a paixão febril, conforme proposta na teoria de Stendall, já que há a necessidade de outros recursos para manter a conexão com a realidade compartilhada. Tampouco foram capazes de alcançar o amor sublime que manteria a estabilidade entre eles, transformando a relação carnal em um encontro superior, de bondade e companheirismo (PLATÃO, 2003). Na sequência da narrativa, como a condição de Pedro se agrava, algumas precauções foram tomadas para mantê-lo preso ao chão, uma delas foi encher seus bolsos com pedras e objetos de chumbo. Nenhuma providência, contudo, foi capaz de evitar que, em uma manhã, Pedro fosse levado pela janela, por uma corrente de ar, e sumisse no céu. Aqui “aparece a ideia do amor como inconstante, como desestruturador das relações sociais. Portanto, tudo gira em torno da imaginação, do devaneio do sujeito” (COSTA, 2015, p. 73).

Vale mencionar que estamos trabalhando com uma narrativa pertencente ao modo fantástico e, como tal, apresenta uma quebra da normalidade, uma fratura da ordem diária (CESERANI, 2006; FURTADO, 1980). Embora esse não seja nosso foco de análise, consideramos pertinente pontuar que a escolha da doença e suas consequências pode ser percebida como uma metáfora do contexto de produção, uma vez que o texto foi escrito na década de 1960, período em que a Argentina enfrentou dois golpes de estado (1962 e 1966). Assim, a personagem tornar-se sem referências, sem estabilidade reitera a condição da sociedade argentina que sofre as consequências de uma longa crise e não tem expectativas nem encontra motivos para acreditar que essa situação tenha solução, no mínimo, razoável. Com isso, o processo de apropriação do social se dá na instabilidade existente na relação conjugal de Pedro e Hebe. Dessa maneira, o fantástico funciona como uma representação simbólica da insegurança existencial (AGUIAR; VASCONCELOS, 2001), um modo distorcido de expor a realidade caótica; logo, a transgressão do cotidiano é a única alternativa de se mostrar a real situação daquele contexto: Pedro fica “[...] perdido para sempre, em viagem ao infinito. Se fez um ponto e logo nada” (IMBERT, 1976, p. 14).

O conto em análise mostra a relação de Pedro e Hebe, um casal que vive sozinho em um ambiente campestre e pontua as variáveis presentes na convivência conjugal. Essa localização, se fossemos relacioná-la ao

ideário arcáde, seria propícia a um constante enamoramento em virtude da aura romântica e toda simbologia que envolve o cenário. No entanto, tal ambientação configura a primeira negação do texto, pois o espaço não incide sobre as personagens o efeito esperado e todas as referências ao lugar são de ordem prática. Assim, estar em contato com a natureza reduz-se a afazeres domésticos, como alimentar galinhas e porcos, pintar o aviário e rachar lenha (IMBERT, 1976, p. 11), subtraindo o encanto idealizado e ressaltando a banalidade do cotidiano. Esses fatores pregados como possibilidade de exaltação do enamoramento são, na verdade, colaboradores para a morte de Eros, a finitude do amor paixão que por natureza não suporta a rotina e a consolidação, levando a “desilusão amorosa, até porque, muito dessa relação de amor é criada e mantida por uma ilusão de uma das partes” (COSTA, 2015, p. 70). Sendo assim, esse contato com um cotidiano sem novidades transforma o modo como a relação é percebida, levando ao esfriamento erótico.

De acordo com Capelão (2000, p. 215), o amor tende a diminuir sempre que os consortes estabelecem contato ininterrupto: “[...] sempre que tiverem muitas oportunidades de falar-se, a paixão diminuirá”. O acesso ao outro torna-se, portanto, o princípio para o afastamento e dissolução do encanto; assim o encantamento inicial é rompido pela verdade e a ideia de perfeição cede lugar ao sujeito real, falho e, conseqüentemente, comum. A fantasia tão cara, prenunciadora de tantos prazeres, converte-se em frustração, pois a figura criada não resiste ao dia-a-dia, não há um referente, apenas uma projeção idílica e inconsciente que favorece a *Tanatos* o parceiro do amor.

Sendo assim, a aproximação faz com que o apaixonado desconheça o ser amado, dando origem às mais diversas dificuldades de uma vida a dois. É nessa dialética que parece fundamentar-se o conceito de amor conjugal apresentado por Capelão (2000, p. XLII, grifo nosso): “[...] o amor não pode existir entre pessoas casadas. [...] o amor conjugal é *tranquilo* e *monótono*.” A adjetivação escolhida imprime um tom dual reiterado pela definição que o Houaiss (2009) faz desses termos: tranquilo – “que não é passível de dúvida; seguro, garantido”; monótono – “que, pela ausência de novidade, se mostra enfadonho, maçante”. O primeiro adjetivo invalida a necessidade da conquista contínua; por ser indubitável, esse amor dispensa os cuidados do cativo. Porém, em contrapartida, traz estabilidade, aspecto fundamental para se ter paz,

logo, viver bem, essa que parece ser a finalidade do amor (PLATÃO, 2003). Já a segunda qualidade alude ao marasmo, quase indiferença, mas, se avaliarmos a ausência de novidade, levando em conta que nem sempre uma mudança é boa, teremos aí, também, uma atenuação dessa conotação negativa.

Em “O leve Pedro”, podemos observar essa coexistência de sentidos quando analisamos os acontecimentos que vão se desenrolando ao longo da narrativa e as reações das personagens. É importante ressaltarmos que o protagonista, ao curar-se, vai gradativamente perdendo o peso: “[...] depois de várias semanas de convalescência se sentiu sem peso” (IMBERT, 1976, p. 11). Essa cura empreendida pelo personagem é bem sintomática no conto, pois, a partir do momento em que ele vai se curando, vai se afastando da esposa, ficando leve e conseqüentemente saindo do chão, do lugar onde se afirmava como marido. A personagem começa a desprender-se, a flutuar, a se afastar sem saber as causas e, embora tente manter as coisas dentro do padrão, tudo foge ao seu controle. Assim, diante dessa instabilidade, Pedro recorre a sua esposa, que representa, dentro do enredo, o principal vínculo com o já conhecido, o estável, e é apresentada pela função de cônjuge: “Escuta – disse a sua mulher – me sinto bem [...]” (IMBERT, 1976, p. 11). Além de exercer o papel de referente, ela ainda atua como princípio da racionalidade, e todas as vezes que Pedro, atordoado pela nova condição, precisa de respostas para uma das estranhas sequelas que o acometem, encontra nela uma justificativa lógica, conforme podemos verificar nos seguintes fragmentos:

[...] Estou como se minhas carnes fossem desprender-se deixando minha alma nua.

– Estás debilitado – respondeu sua mulher.

[...]

– Hebe! Quase caio no céu!

– Tolices. Não é possível cair no céu. [...] O que aconteceu contigo? Pedro explicou o fato a sua mulher e esta, sem assombro, o advertiu:

– Acontece por você fazer-se de acrobata. [...]

– Não, não! – insistiu Pedro –. Agora é diferente. Deslizei. O céu é um precipício, Hebe (IMBERT, 1976, p. 11-12).

Enquanto Hebe racionaliza os fatos, Pedro aparenta optar pelo universo fantasioso e continua com suas explicações inconsistentes. “Hebe! Quase caio no céu”, vejamos como nesse diálogo sair daquele lugar em que a personagem se encontrava era “cair no céu”, ou seja, sair do inferno, daquele lugar desconfortável. Com isso, as reações das duas personagens mostram que elas têm entendimentos e posicionamentos divergentes no que diz respeito aos acontecimentos. No entanto, há que se mencionar o fato de, mesmo não estando em total sintonia, ou seja, em pleno acordo no que se refere aos possíveis motivos para a levitação, eles continuam tentando compreender a inconsistência do cotidiano. Logo, compreender a inconsistência do estado matrimonial.

Desse modo, observamos que o casal aparece como os dois lados de uma mesma moeda, colocados, pelo narrador, em polos opostos: “[...] o teto o sugava como o solo sugava a Hebe”; seguem em direções contrárias, assim como são distintas suas acepções, um, idílio – céu – e outro, realidade – terra. Para ele, a libertação, mesmo que inconsciente, seria voar dali, sair rápido dali, enquanto a esposa continuava firme em seu “papel” de manter o homem a seu lado. Importante pontuarmos que esse distanciamento acontece sem que nenhuma das partes tenha responsabilidade ou consciência das causas, o que o torna ainda mais intenso, uma vez que independe de vontades e, por isso mesmo, está isento de qualquer censura ou regra. Há, portanto, um embricamento dos dois adjetivos, tranquilo e monótono, propostos por Capelão para qualificar o amor conjugal: tranquilo – Pedro tem em Hebe a confiança de manter-se seguro: “[...] Hebe encheu seus bolsos com grandes porcas, canos de chumbo e pedras; e estes pesos no momento, deram a seu corpo a solidez necessária [...]” (IMBERT, 1976, p. 13). É a esposa quem dá ao marido as condições mínimas de centralidade, mesmo que para isso tenha que recorrer a artifícios externos. Quanto ao segundo aspecto, a monotonia, este é facilmente verificado pela rotina evidenciada no tom das conversas e na ausência de momentos agradáveis partilhados. Vale sublinhar que, durante todo o conto, Pedro e Hebe apenas se encontram para resolver coisas práticas, a única ocorrência de suposta intimidade acontece na hora de irem dormir e é descrita no seguinte trecho: “Deram boa noite e Hebe apagou a luz” (IMBERT, 1976, p. 13). Não há relação carnal,

nem nenhum outro sentimento de paixão que são ilustrativos de duas pessoas em encantamento amoroso.

Se formos considerar a simbologia contida nos efeitos da doença de Pedro e na forma como ele se curou, é possível aventarmos que tudo está relacionado com seu desejo inconsciente, aquela esfera não saciável que mantém o sujeito incompleto. Tomemos, para verificação, alguns elementos considerados significativos para nossa proposta: o primeiro ponto que nos chamou atenção foi o fato de “Por sorte o enfermo, *sozinho*, foi se curando” (IMBERT, 1976, p. 11, grifo nosso); essa solidão pode ser compreendida como um indicativo de que o problema era interno, ou seja, trata-se de um conflito emocional, pois é uma indisposição que surge sem sinais físicos, não carece de auxílio para cura, mas origina implicações peculiares. Tudo acontece em Pedro sem interferência do externo, assim a doença poderia ser interpretada como um período de reflexão, embora inconsciente, sobre os níveis de prazer e desprazer que a relação dele com Hebe está proporcionando.

Outro dado importante a ser ressaltado é a capacidade de voar adquirida pós-doença. Segundo Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (2007, p. 964), voar representa “[...] a busca de uma harmonia interior, de uma ultrapassagem de conflitos [...]”; desse modo, a principal consequência da enfermidade vem confirmar o seu caráter psicológico, sugerindo que a doença é, na verdade, uma reivindicação do *self*² e, como tal, tem traços do consciente – pela percepção do cotidiano – e do inconsciente – por não saber precisar a falta. Assim, Pedro, ao mesmo tempo em que rejeita a realidade através da projeção da moléstia, teme a sua suposta cura, que seria a mudança; essa resistência/temeridade ao novo é corroborada quando Hebe pergunta se ele tem vontade de subir e recebe uma negativa como resposta: “– Não. Estou bem” (IMBERT, 1976, p. 13).

Outro fator importante a destacarmos são as reações de Hebe diante da inusitada aptidão do marido. De início ela resiste, elaborando uma série de explicações coerentes e plausíveis para as queixas do marido, mas é vencida pelas evidências e, ao final da narrativa, embora sem intenção, solta a corda que segurava Pedro: “Nisso entrou pela porta uma corrente de ar que desviou o leve corpo de Pedro e, como uma pena, o soprou pela janela aberta. Ocorreu em um segundo. Hebe soltou um grito e a corda escapou das mãos [...]” (IMBERT,

1976, p. 14). Parece haver uma desistência coletiva, pois, mesmo que as atitudes de soltar e voar sejam praticadas sem intenção, elas, de fato, acontecem em uma relação de causa e efeito. A simultaneidade, portanto, pressupõe que Hebe é também responsável pela liberdade de Pedro, assim como fora por sua manutenção, permanência. Ela, na condição de parceira, tem sua parcela de controle sobre o ser amado e esse poder é aferido pelo outro; assim como as noções de satisfação e insatisfação lhe são creditadas por ele.

De acordo com Nasio (1997, p. 36), o eleito, aquele a quem escolhemos, nos é fundamental porque nos mantém na zona de insatisfação. Esse estado, longe de ser um ponto de vista desfavorável do indivíduo, é o que nos impulsiona a seguir buscando novas experiências, outras conquistas, “[...] porque essa carência, vazio sempre futuro que atíça o desejo, é sinônimo de vida” (NASIO, 1997, p. 35). Desse modo, o eleito, “[...] o ser do nosso amor, nos insatisfaz porque, ao mesmo tempo em que ele excita o nosso desejo, ele não pode [...] e não quer nos satisfazer plenamente. [...] Assim, ele garante essa insatisfação que me é necessária para viver e recentra meu desejo” (NASIO, 1997, p. 36).

Seguindo tais pressupostos, torna-se lícito dizer que a figura amada funciona como ponto de equilíbrio, assegurando nossa consistência psíquica (NASIO, 1997), e, para tanto, atua como âncora, mantendo a estabilidade e garantindo a não satisfação do desejo, ou seja, age como mecanismo de castração, mas imprime firmeza, condição típica do amor conjugal. Essas duas frentes de atuação do eleito são igualmente válidas e induzem a uma reflexão sobre a afirmação de Capelão: “[...] se dois amantes se unem pelo casamento, o amor entre eles desaparece repentinamente” (2000, p. 219). Desse modo, a união conjugal rompe com o equívoco da perfeição, aniquilando o amor-paixão e, por vezes, assumem seu espaço outros tipos de sentimento. Nesses termos, o casamento pode ser compreendido como uma forma de desmistificar o ser amado quando assume efetivamente sua função que é, em última instância, um contrato instituído para a organização dos espaços sociais; logo, “o amor é uma insanidade temporária curável pelo casamento” (BIERCE, 2011, p. 215). Sendo assim, a *imperfeição* do amor conjugal torna-se necessária e fundamental para a sanidade dos pares.

“EL LEVE PEDRO” AND THE DUALITY OF CONJUGAL LOVE

ABSTRACT

Since the first literary records, the question of love Eros has intrigued and disquieted man, being a recurrence in contemporary times. In such a way, this issue keeps on debate, although it does not seem to be the focus; love maintains its place in literary *poiesis*. Thus, we will verify in this study the involuntary existing in the love of the characters Hebe and Pedro in the short story “The light Pedro”, written by the Argentinian author Enrique Anderson Imbert, using the conception of love as proposed by Plato, Andreas Capellanus and Stendhal.

KEYWORDS: Eros love, short story, Enrique Anderson Imbert.

“EL LEVE PEDRO” Y LA DUALIDAD DEL AMOR MATRIMONIAL

RESUMEN

Desde los primeros registros literarios, la cuestión del amor Eros instiga e inquieta al hombre, siendo una recurrencia en la contemporaneidad. De tal manera, este asunto continúa siendo objeto de debate, aunque parezca no ser más el foco; el amor mantiene su lugar en la *poiesis* literaria. En este estudio, veremos la involuntariedad existente en el amor de los personajes Hebe y Pedro del cuento “El ligero Pedro”, escrito por el argentino Enrique Anderson Imbert, utilizando la concepción de amor propuesta por Platón, André Capelán y Stendhal.

PALABRAS CLAVE: Amor Eros, cuento, Enrique Anderson Imbert.

NOTAS

1. Todas as citações do conto são traduções nossas.
2. A esse respeito ver Rosângela Corrêa: *Self* (si mesmo) – Ego – Eixo Ego-Self. Disponível em: <<https://psicoterapiajunguiana.com/conceitos/selfsi-mesmo-ego-eixo-ego-self/>>. Acesso em: 17 jan. 2018.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, F.; VASCONCELOS, S. G. T. *Ángel Rama: literatura e cultura na América Latina*. Editado por Flávio Aguiar. Tradução de Rachel La Corte dos Santos e Elza Gasparotto. São Paulo: Edusp, 2001. (Volume 6 de Ensaios latino-americanos).
- BIERCE, Ambrose. *The enlarged devil's dictionary*. Londres: Penguin, 2011.
- CAPELÃO, André. *Tratado do amor cortês*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- CESERANI, Remo. *O fantástico*. Curitiba: Ed. UFPR, 2006.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.
- CORRÊA, Rosângela. Self (si mesmo) – Ego – Eixo Ego-Self. [2013]. Disponível em: <<https://psicoterapiajanguiana.com/conceitos/selfsi-mesmo-ego-eixo-ego-self/>>. Acesso em: 12 abr. 2016.
- COSTA, Maria Aparecida da. *A paz tensa da chama fugaz: a configuração do amor no romance contemporâneo*, Lygia Fagundes Telles e Lídia Jorge. Natal: EDUFRN, 2015.
- FURTADO, Filipe. *A construção do fantástico na narrativa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1980.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- IMBERT, Enrique Anderson. *El leve Pedro*. Madrid: Alianza Editorial, 1976.
- NASIO, J.-D. *O livro da dor e do amor*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- PLATÃO. *O banquete: o simpósio ou do amor*. Lisboa: Guimarães Editores, 2003.
- STENDHAL. *Do amor*. Porto Alegre: L&PM, 2011.

Submetido em 06 de março de 2017.

Aceito em 30 de agosto de 2017.

Publicado em 30 de janeiro de 2017.
